

A Evolução do Ensino da Ética para Enfermeiros

Raimunda Medeiros Germano

Enfermeira e doutora em educação pela Universidade de Campinas SP; Professora adjunta do departamento de enfermagem da Universidade Federal do Rio Grande do Norte RN

O presente trabalho trata do ensino da ética na formação do enfermeiro, com base em duas referências fundamentais: o pensamento ético veiculado pela Revista Brasileira de Enfermagem e os programas de ensino de diferentes escolas de enfermagem do Brasil. O estudo conclui que a enfermagem, pelas circunstâncias históricas em que se constituiu, tem assumido uma postura conservadora, predominando um ensino não-reflexivo, dentro de uma visão a-histórica. E, não obstante as mudanças ocorridas ao longo dos anos 80, prepondera na enfermagem brasileira uma ética alienada e utilitarista.

"Renunciar à liberdade é renunciar à qualidade de homem, aos direitos da humanidade, e até aos próprios deveres. Não há recompensa possível para quem a tudo renuncia. Tal renúncia não se compadece com a natureza do homem, e destituir-se voluntariamente de toda e qualquer liberdade equivale a excluir a moralidade de suas ações".

UNITERMOS-Ética, ensino, enfermagem.

1. Introdução

Uma apreciação acerca do ensino da ética na enfermagem brasileira passa necessariamente pelo estudo da mais importante entidade da categoria, a Associação Brasileira de Enfermagem (ABEn), fundada no ano de 1926, e de sua principal revista, criada em 1932 sob a denominação de Annaes de Enfermagem, atual Revista Brasileira de Enfermagem (REBEn).

Importa, ainda, verificar os programas de ensino das escolas de enfermagem com seus respectivos repertórios bibliográficos, bem como, por meio dos professores, procurar entender a forma de desenvolvimento desse ensino. Além de todas essas dimensões, torna-se também imprescindível o emprego de um marco conceitual que forneça um aporte teórico à reflexão sobre o tema.

2. A Revista Brasileira de Enfermagem e a Ética

A preocupação com o ensino da ética na enfermagem brasileira nasce e evolui paralelamente à organização e estruturação da profissão, sofrendo influência dos mesmos princípios que fundamentaram seus marcos conceituais, dos objetivos que sustentaram ou que embasaram a criação de suas várias entidades, enfim, das próprias lutas ideológicas que se travam a partir das diferentes concepções de mundo presentes na sociedade e que repercutem na prática profissional dos enfermeiros. Portanto, o ensino da ética na enfermagem surge com a criação do próprio curso, em 1923, no Rio de Janeiro, na então Escola de Enfermeiros do Departamento Nacional de Saúde Pública (DNSP), hoje, Escola Ana Néri.

De acordo com inúmeras análises já efetuadas acerca do ensino de enfermagem no Brasil, a principal conclusão é que o mesmo se pautou por trilhas muito conservadoras.

Particularizando a formação ética, o seu ensino e suas bases se fundamentam em um profundo sentimento de religiosidade. Nesse sentido vale destacar que, dentre as qualidades inerentes ao bom profissional, aparecem como características de primeira ordem "a obediência, o respeito à hierarquia, a humildade, o espírito de servir, entre outros" (1).

O "Juramento e Profissão de Fé dos Enfermeiros Brasileiros", prestado pela primeira turma da Escola Ana Néri, em

1925, retrata o forte traço da religiosidade e submissão que marcaram e até hoje se refletem na formação dos enfermeiros. Assim, vejamos: "Comprometo-me solenemente a servir de todo o coração a aqueles cujos cuidados me forem confiados (...) Trabalharei sempre com fidelidade e obediência para com os meus superiores e peço a Deus que me conceda paciência, benevolência e compreensão, no santo mistério de cuidar dos que sofrem".

A bibliografia que orientava os programas de ética nas primeiras décadas de realização do Curso de Enfermagem se fundamentava, sobretudo, em textos direcionados para uma religiosidade extremamente conservadora e conformista em face dos problemas no âmbito do exercício profissional e da sociedade estabelecida. Daí as constantes interpelações em favor da obediência e subserviência dos enfermeiros e a interdição da crítica desses profissionais, seja com relação aos superiores hierárquicos, seja ao espaço institucional em que militam, seja ainda no tocante às políticas de saúde adotadas pelo Estado em diferentes períodos (2).

Desse modo, empreendendo uma breve análise histórica do pensamento ético, verificamos existir uma possível identidade da ética preconizada pela enfermagem com os fundamentos da ética cristã. Em outras palavras, existem raízes históricas profundas que precisam ser consideradas quando analisamos o ensino de enfermagem e a ética que enforma seus profissionais.

Com o propósito de esclarecer essa afirmação, tomemos alguns pontos de reflexão. De acordo com Chauí, "a ética cristã traduz a afirmação dos antigos-a virtude é agir em conformidade com a natureza-para: a virtude é agir em conformidade com a vontade de Deus". E, dessa forma, Deus é a própria origem absoluta da moralidade; razão, fundamento e fim do Ser. Acrescenta a autora que

"a famosa dicotomia entre liberdade e necessidade é trazida pela teologia cristã e se transforma num paradoxo insolúvel para a ética dos cristãos, sobretudo porque a vontade divina se exprime por mandamentos e decretos anteriores e superiores aos homens, de sorte que ser livre é obedecer à exterioridade do comando divino. O vínculo entre virtude e obediência, virtude e obrigação, virtude e dever apaga a idéia da liberdade como esfera humana do humano e, portanto, como autonomia" (3).

Portanto, de acordo com o ideário cristão, a partir de sua própria interpretação acerca da doença ou enfermidade (entendida como castigo divino), aqueles que se dedicavam ao cuidado dos enfermos vislumbravam a possibilidade de salvar sua própria alma. Assim, muitas organizações de cunho religioso foram fundadas com o objetivo de atender aos pobres e doentes desamparados, fato este que, sem dúvida, exerceu influência no sentido caritativo concedido à enfermagem ao longo de sua história.

Um outro aspecto a ser considerado, quando analisamos a ética na enfermagem, diz respeito à sua fase denominada crítica ou decadente, que ocorre exatamente na transição do feudalismo para o capitalismo e na qual se registra uma diminuição do espírito religioso, e também com grande significado, o movimento de reforma. Muitas religiosas que se dedicavam aos cuidados dos doentes foram expulsas dos hospitais e a atenção aos pacientes passou a ser exercida por mulheres sem qualquer preparo, na maioria bêbadas, prostitutas, analfabetas. Talvez aí resida a intensa preocupação com a questão da moralidade na profissão, bem como com o sentimento de religiosidade por parte daqueles que, no início desse século, organizaram no Brasil o ensino sistematizado de enfermagem, e também daqueles que os sucederam.

Em pesquisa recente acerca do ensino de ética na enfermagem, tomamos, entre outros instrumentos de análise, a Revista Brasileira de Enfermagem (REBEn), o periódico de maior circulação e importância para essa categoria profissional em todo o país. A prova cabal dessa afirmação é que, quanto à sua utilização existe uma unanimidade entre os professores de ética de diferentes escolas de enfermagem. Assim sendo, a revista se reveste de grande significação na formação dos enfermeiros e, principalmente no que diz respeito à formação de uma ética, de uma concepção de mundo, ou seja, portanto, no sentido apontado por Gramsci, de uma ideologia que norteia a prática social dessa categoria.

Desse modo, com a convicção de que a revista representou e ainda representa um instrumento de reconhecida relevância na formação do enfermeiro e, portanto, no ensino da ética, analisamos todos os artigos pertinentes ao assunto, onde constatamos não somente uma forte ênfase no sentimento de religiosidade, mas, também, significativa dose de autoritarismo e, contraditoriamente, uma tendência irrestrita a obediência às ordens oriundas do poder estabelecido, grande valorização da hierarquia e outras dimensões abordadas com menor intensidade (4).

A título de exemplificação vale a pena transcrever trechos de alguns artigos da revista, tomados em diferentes épocas e referidos como objeto de análise na pesquisa ora mencionada. Assim sendo, em discurso proferido pelo médico Luiz Capriglione, paraninfo da turma de enfermeiros de 1931, na Escola Ana Néri, o mesmo compara o heroísmo da profissão com o de alguns santos, ressalta a importância do trabalho sem recompensa-financeira inclusive utilizando frases tais como "A certeza da recompensa mataria o mérito"; "Do sacrifício surge a glória"-e acrescenta em determinado trecho: "Como se complicou a vossa profissão, jovens enfermeiras! Como é dedicada e extensa a vossa missão! Quantos dissabores e quão pequena recompensa exteriorizadora haveis de ter. É vosso

maior mistério semear o Bem e colher satisfações; não as externas, porque essas são raras, mas a íntima, de ter feito algo útil em benefício não do indivíduo doente, como da humanidade". (5)

Segue trecho de outro discurso publicado na mesma revista, no ano de 1935: "Sem vocação e sem abnegação faz-se da enfermagem um meio de vida, um ofício e não o que ela deva ser: um sacerdócio..."(6). Na década seguinte, a de 40, a linha do discurso entre os articulistas da REBEn permanece mais ou menos inalterada quanto ao apelo à religiosidade. Quando os professores (enfermeiros) se referem ao preparo dos estudantes de enfermagem, enfatizam sempre a necessidade de uma formação eficiente dentro das normas da moral católica.

Os períodos seguintes, as décadas de 50 e 60, foram ainda mais pródigas no sentido da religiosidade, pois com as associações religiosas fundadas anteriormente-União das Religiosas Enfermeiras do Brasil (UREB-1944) e União Católica de Enfermeiros do Brasil (UCEB-1948)- o Rio de Janeiro sediou dois Congressos Internacionais de Enfermagem, ambos religiosos, que tiveram grande repercussão na enfermagem brasileira. Tais eventos proporcionaram não somente uma significativa discussão em torno do "sentido cristão de servir" mas também uma intensa produção de artigos para a revista, em torno da mesma temática. Nesse período, em 1958 exatamente, foi também aprovado o Primeiro Código de Ética para Enfermeiros, sob a responsabilidade da Associação Brasileira de Enfermagem (ABEn), tendo recebido, por ocasião de sua elaboração, contribuição decisiva de um grupo de enfermeiros católicos, integrantes da União Católica de Enfermeiros do Brasil (UCEB).

Por outro lado, é importante assinalar que esse sentimento de religiosidade contém forte dose de individualismo, quando a própria Igreja Católica, nessa mesma época, começa a ter intensas preocupações sociais, por exemplo, com a miséria no campo, e, a partir daí, passa a empunhar a bandeira da reforma agrária, sem contar sua participação atuante nos movimentos de educação de base.

A enfermagem, contudo, não estava em sintonia com esse projeto. Os fundamentos de sua ética religiosa eram, de fato, de nítido caráter conservador, que conduzia ao individualismo, à apatia social, à subserviência à ordem estabelecida, ao pieguismo e não ao exercício da crítica social à luz dos ensinamentos do próprio cristianismo (4).

Como demonstração dessas afirmações, vejamos algumas passagens de textos que datam dessas décadas (50 e 60), contidos na REBEn. Desse modo, em trabalho apresentado por ocasião do IV Congresso Nacional de Enfermagem, realizado em Salvador, em dezembro de 1950, ao tratar do ensino, a autora assim expressa: "Uma enfermeira com a filosofia teocêntrica tomará Cristo como seu modelo. Procurará pautar a sua atitude para com o doente, pela atitude do Cristo para com o doente, a sua ternura será como a ternura de Cristo, a sua caridade como a caridade do Cristo..." (7).

E, acerca do ensino de ética propriamente, vejamos o que afirma a diretora da Escola Ana Neri, à época: "A ética nas escolas deve ser objeto de cuidadoso ensino, elaborando-se para isso bons programas que respeitem e desenvolvam os princípios da moral natural e cristã" (8).

A mesma autora, temendo que a competência técnica do enfermeiro se sobreponha ao seu sentimento de religiosidade, acrescenta ainda ao artigo citado: "Cabe aqui lembrar que, se foi um erro antigo considerar alguém capaz de exercer a enfermagem só pela bondade e capacidade de dedicação, é ainda mais grave e erro moderno de hipertrofia o aspecto técnico e científico da profissão..." (8).

Prosseguindo na análise a respeito da religiosidade, em artigo intitulado "Formação moral da enfermeira", a articulista, professora de ética de uma escola de enfermagem do Rio Grande do Sul, ressalta a necessidade de uma educação que proporcione um estudo profundo da religião e da ética profissional para desenvolver e aperfeiçoar as qualidades naturais e morais da aluna. E, por fim, acrescenta: "As aulas de ética profissional devem complementar o curso de religião e a ética profissional devem ser como que um entremeio que acompanha e passa por todas as matérias ou um fio de ouro que une o estudo científico ao estudo prático" (9).

Essa visão de uma ética permeada de religiosidade, da forma como esta é concebida nos textos, atua como suporte de uma prática alienada à medida que exige, sempre, o sacrifício individual, em que o indivíduo é submetido constantemente a uma autoridade e a uma coerção externa. A busca da liberdade, da autonomia e do prazer (felicidade) não faz parte dos fundamentos dessa ética.

Por sua vez, os temas ética e religiosidade, quando tratados pelos estudantes de enfermagem nas páginas da revista, no espaço a eles destinado, não mudam de configuração. Assim sendo, a título de exemplificação, vejamos trecho da poesia de um estudante, intitulada "A luz que não se apaga", em memória de Florence Nightingale (pioneira da enfermagem moderna):

"Desde então, pelo Mundo

Vem surgindo – com estudo fecundo –

Outros Brancos Anjos da Caridade,

Trazendo acesa a "Lâmpada do Ideal" (10).

Ainda na mesma década de 60, na seção destinada ao estudante, analisemos um pequeno trecho da fala de uma aluna ao abordar o tema "O espírito de enfermagem": "Este espírito de caridade, amor evangélico, marcou a enfermagem brasileira, deixando aos que seguissem o ideal e ao espírito que a deveria orientar, de devotamento e trabalho, de estudos e pesquisas, de renúncia e amor" (11).

Portanto, como fica evidenciado, há inequívoca continuidade, entre as formulações dos intelectuais da enfermagem acerca da ética, e o pensamento dos estudantes. Abnegação, religiosidade, cumprimento do dever, sofrimento, salvação da alma, são alguns dos aspectos também destacados.

Nessa perspectiva, trata-se de uma ética que não tem em vista a definição de princípios morais que digam respeito às relações dos homens entre si, porém que insistam no caráter essencial das relações entre os homens e uma divindade sobrenatural, como forma de obter uma recompensa, que "se situa além dos limites aos quais podem chegar os poderes reconhecidos como do próprio homem" (12).

Por outro lado, além desse forte sentimento de religiosidade, encontramos ainda na produção intelectual analisada, veiculada pela REBEn, outros aspectos que, embora apareçam com menor intensidade, também exerceram e continuam exercendo influência marcante na formação ética e, conseqüentemente, na prática profissional do enfermeiro. Esses aspectos dizem respeito à obediência e subserviência exacerbadas, uma expressiva valorização da hierarquia, acrescidos ainda de uma certa burocratização da assistência. Paralelamente, é também importante fazer menção do autoritarismo presente no comportamento do enfermeiro, seja em relação à equipe por ele liderada, seja no que diz respeito ao ensino e, de modo especial, à relação do professor/aluno (4).

Na década de 70, começam a surgir algumas publicações críticas na revista, embora sutis, no que se refere à formação do enfermeiro, ao mesmo tempo que decrescem o número de artigos dentro de uma visão conservadora. A partir de então, mais precisamente na década de 80, essa dimensão se intensifica na REBEn e as matérias acerca do ensino de ética, por exemplo, contêm críticas tanto ao conteúdo quanto à forma como o mesmo vem sendo posto em prática. Desse modo, são publicados artigos que criticam enfaticamente o excesso de religiosidade e conservadorismo contidos nas formulações sobre a ética em enfermagem. O "ensino de ética como aulas de catecismo", conforme a percepção de alunos, bem como uma prática profissional completamente desvinculada da estrutura social, passam a ser questionados em várias instâncias: universidades, congressos, encontros regionais de enfermeiros e de estudantes de enfermagem, sobretudo na elaboração de teses acadêmicas de pós-graduação e, ainda, no movimento social dos enfermeiros.

Assim sendo, apesar dessa nova vertente não se configurar como hegemônica no interior da enfermagem, abre espaços para um ensino mais reflexivo, quer no campo da ética, quer nas áreas técnicas e propicia uma análise da enfermagem como prática social, relacionada, portanto, às estruturas econômica, política, social e ideológica da própria sociedade brasileira.

Como exemplo dessa nova fase, observemos o que declara a coordenadora da comissão de educação da ABEn, em editorial da revista: "O projeto de educação em enfermagem não significa apenas a montagem de novo currículo mínimo, novas metodologias; (...) esse projeto deve enfrentar o desafio da profissionalização do nível elementar, ultrapassar a dimensão técnica do ensino para outra de maior abrangência, ou seja, a dimensão técnico-política (...) e, acima de tudo, superar a neutralidade da educação e assumi-la como um ato político (13).

No mesmo ano (1988), em trabalho apresentado na Jornada Catarinense de Enfermagem, as autoras, discorrendo sobre o tema "Enfermagem: sua prática e organização", assim se pronunciam: "É chegado o momento de a enfermagem refletir sua prática e organização, na busca de uma consciência crítica da realidade, bem como das limitações de sua práxis no processo de mudança, e, então, assumir seu compromisso junto à população, na luta por uma sociedade mais justa e igualitária (14).

Concluindo as citações mais atuais, de textos do início da década de 90, o discurso das articulistas, em análise efetuada acerca do setor saúde, é diametralmente oposto aos de épocas anteriores. Assim, vejamos: "As dificuldades no processo de construção do SUS, ou seja, de um novo modelo de prestação de serviços, não se encontram apenas nos planos econômico, político e técnico. Elas estão também no plano ideológico, na cultura institucional vigente no serviço público e na falta de um compromisso social e ético da maioria dos servidores com a saúde da população..." (15).

Essa produção não se dá por acaso, sofre, evidentemente, forte influência do ciclo conjuntural vivido não só no

Brasil, mas também no contexto internacional. Vale ressaltar que, apesar desse avanço teórico e político verificado na produção intelectual da enfermagem, expresso pela REBEn, com influência, sem dúvida, no ensino de algumas escolas, recebe também manifestações discordantes por parte de considerável camada da categoria.

3. O ensino de ética na enfermagem:

evolução e perspectivas

Particularizando mais especificamente o campo do ensino de ética na enfermagem, a grande maioria dos professores considera esse estudo fundamental, prioritário, enfim, básico para a orientação da prática ou exercício profissional, pela oportunidade de reflexão que proporciona. Apesar disso, e dos reconhecimentos dos inegáveis avanços, a partir mesmo do deslocamento do eixo da discussão em torno da ética, em que o enfoque tradicional passa a ser questionado, na prática ainda prepondera uma vertente muito conservadora. Analisando, os programas postos em prática pelas escolas, podemos inferir, em primeiro lugar, que existe uma contradição entre o discurso de valorização da ética e o tratamento dispensado a essa disciplina no cômputo total do currículo do curso de enfermagem; em algumas escolas é exatamente aquela de menor carga horária, embora reconheçamos que nas diferentes disciplinas os professores também transmitem uma ética que enforma a ação do estudante e se projeta posteriormente no exercício da profissão.

Em segundo lugar, no tocante à bibliografia adotada nas diferentes escolas, predomina a literatura de cunho mais tradicional, pouco crítica, acarretando, portanto, prejuízo à formação dos jovens estudantes. No mesmo sentido, os objetivos dos programas, na maioria, não expressam uma mínima articulação entre as questões internas da profissão e a estrutura social.

Apesar disso, é importante ressaltar que está em curso, atualmente, um processo de renovação do ensino de ética, tendência ainda não hegemônica, mas que vem ampliando o seu raio de influência no âmbito da enfermagem. Tal processo de renovação implica em compreender o homem como um ser social e histórico, cuja moral está também condicionada sócio-historicamente.

Com essa concepção, não podemos falar de uma moral em geral, à margem do processo histórico concreto. Assim, por exemplo, o sistema econômico, no qual a força de trabalho se vende como mercadoria e no qual vigora a lei da obtenção do maior lucro possível, gera uma moral egoísta e individualista, que satisfaz o desejo do lucro. É um tipo de sociedade onde predomina o ter sobre o ser. No dizer de Vázquez, "O culto ao dinheiro e a tendência a acumular maiores lucros constituem o terreno propício para que nas relações entre os indivíduos floresçam o espírito de posse, o egoísmo, a hipocrisia, o cinismo e o individualismo exacerbado" (16).

Dessa forma, configurada essa realidade, em outras palavras, concebendo o homem enquanto ser social concreto e parte de uma estrutura social determinada, temos que conduzir o ensino da ética na enfermagem em uma outra perspectiva. Não é possível restringi-lo a uma mera preocupação com a "salvação da alma", dentro de uma visão puramente especulativa, divorciada da ciência e da própria realidade humana moral. A ligação da ética com o real é de tal forma significativa que não pode ser definida, conforme Singer, com um sistema ideal de grande nobreza na teoria mas inaproveitável na prática, nem como uma série de proibições ligadas ao sexo, nem tampouco com algo inteligível somente no contexto da religião e da subjetividade (17).

Portanto, a temática a ser abordada nos cursos de ética, não somente na enfermagem mas na saúde como um todo, precisa ultrapassar os muros do corporativismo (muito bem representado nos códigos e leis) e apontar para questões cruciais que limitam o ser humano e lhe roubam a vida.

Nesse sentido, são muitos os autores cujas publicações, vêm contribuindo com uma nova discussão do tema incluindo desde as diferentes concepções filosóficas acerca da ética, o porquê de agir moralmente, assuntos polêmicos, como, por exemplo, o aborto, a eutanásia, o transplante de órgãos, a contracepção, a morte e o morrer, além de outros, tais como a preservação do meio ambiente, a tortura, a violência, ética, saúde e cidadania, direitos do paciente, saúde e desigualdade, ética e política, ética e competência, o tratamento dispensado às minorias étnicas, entre tantos outros temas da atualidade.

Entre esses autores podemos citar alguns, como referência: Adolfo Sánchez Vázquez, Marilena de Souza Chauí, Michel Foucault, Luc Boltanovski, Agnes Heller, Karel Kosik, Jaime Landmann, Bakstanouski, Giovanni Berlinguer, Volnei Garrafa, Hanna Arendt, Petter Singer, Paulo Sérgio Pinheiro, Leocir Pessini e Christian Barchi-Fontaine, Magali Boemer, Celso Lafer, Eduardo Marcondes e Tércio Sampaio Ferraz, cuja produção teórica tem viabilizado a construção de uma nova ética e de um ensino mais comprometido com a realidade social no qual se insere.

4. Considerações finais

Após analisar os diferentes aspectos que envolvem a formação ética do enfermeiro, podemos concluir que ainda

prepondera na enfermagem brasileira uma ética alienada, à medida que exige sempre de quem a pratica o sacrifício a individual, a obediência, a submissão irrestrita a uma autoridade, ao poder, a uma coerção externa. Assim, conforme já referimos, a busca da liberdade, da igualdade, do prazer, da autonomia, da felicidade enfim, não faz parte dos fundamentos dessa ética. Desse modo, o que a caracteriza essencialmente é o cumprimento do dever, a hierarquia social, a desigualdade, o não-questionamento da ordem estabelecida (por parte do enfermeiro) a outrem. Isso significa existência da alienação da não-liberdade, da exploração, ou seja, de "sofrimentos" (18), embora proponha, ao contrário, o alívio dos sofrimentos.

Por outro lado, há uma contradição entre o discurso dos bons sentimentos contidos na ética codificada e a intervenção prática dos enfermeiros e demais profissionais da saúde, cuja ação discrimina os pacientes conforme as suas respectivas origens sociais, impondo-lhes, notadamente aos mais pobres, sofrimentos e humilhações. E, ainda, mantém em geral uma postura de passividade, não criticidade, de adesão irrestrita e de franca colaboração com as políticas (particularmente as políticas de saúde) postas em prática pelos diferentes governos, em um país cujas elites enriquecidas se apropriam do Estado, inteiramente alheias ao sofrimento do povo, interessadas em "defender o seu", sem qualquer preocupação com o outro.

Por fim, a partir de tais considerações não é possível estruturar o ensino de ética sem a compreensão da realidade social e sem o exercício da crítica sistemática às questões mais gerais da saúde e da sociedade-que repercutem no dia-a-dia da profissão e na assistência que dispensamos aos usuários. Sem essa visão, partimos para um discurso ético-filosófico na sala de aula, totalmente vazio e, conseqüentemente, desvinculado da realidade social.

Portanto, essa é uma questão muito séria a ser enfrentada por todos os educadores de enfermagem, bem como de outros cursos da saúde, quer sejam professores de ética ou não, pois a formação do educando e, particularmente, a sua conduta ética se estrutura no âmbito de uma totalidade histórico-social (4).

Abstract-Evolution of the Ethics Teaching for Curses

The present work deals with the ethics teaching for nursing graduation, on the basis of two fundamental reverences: the ethical viewpoint published in the Brazilian Nursing Magazine and the education programs of different nursing schools in Brazil. The study concludes that nursing, for the historical circumstances on which it is based, has assumed a conserving attitude, with prevalence of a non-reflective education within a non-historical context. In spite of the changes occurred in the 80's, Brazilian nursing is still dealing with an alienated, utilitarian ethics.

Referências Bibliográficas

1. Germano RM. Educação e ideologia da enfermagem no Brasil. São Paulo: Cortez, 1984: 24.
2. Pires D. Hegemonia médica na saúde e a enfermagem: Brasil 1500 a 1930. São Paulo: Cortez, 1989: 136.
3. Chauí MS. Público, privado, despotismo. In: Novaes A, organizador. Ética. São Paulo: Companhia das Letras; Secretaria Municipal de Cultura, 1992: 345-90.
4. Germano RM. A ética e o ensino de ética na enfermagem do Brasil. São Paulo: Cortez, 1993.
5. Capriglione L. Discurso proferido pelo Dr. Luiz Capriglione, paranypho da turma de 1931, em 22/ 12/1931. Annaes de Enfermagem 1932;1(1):3-44.
6. Porto Alegre IA. Vocação e abnegação. Annaes de Enfermagem 1935;2(6):3-44.
7. Forjaz MV. Função auxiliar de enfermagem. Annaes de Enfermagem 1951;4(1):124-8.
8. Paixão W. A ética profissional nas escolas de enfermagem. Rev Bras Enfermagem 1956;9(4):221-31.
9. Bockwinkel MR. Formação moral da enfermeira. Rev Bras Enfermagem 1962;15(6):489-95.
10. Urban AR. Concurso para a Semana de Enfermagem 1963. Rev Bras Enfermagem 1963;16(6):479-87.
11. Brigida MS. O espírito de enfermagem. Rev Bras Enfermagem 1967;20(1):97-100.
12. Abbagnano N. Dicionário de filosofia. 2.ed. São Paulo: Mestre Jan, 1982: 813.
13. Rodrigues AM. Editorial. Rev Bras Enfermagem 1988;41(1):5.

14. Capella BB; Gelbocke FL Enfermagem: sua prática e organização. Rev Bras Enfermagem 1988;41(2):132-9
15. Carvalho AN; Oliveira FVS. A produção do serviço de enfermagem na atual conjuntura de saúde: contribuição ao debate. Rev Bras de Enfermagem 1990;43(1):7-13.
16. Vázquez A S. Ética. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1975:36.
17. Singer P. Ética prática. São Paulo: Martins Fontes, 1994: 10-12.
18. Heller A. A herança da ética marxiana. In: Hobsbawn Eric, organizador. História do Marxismo. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1989: 129.

Endereço para correspondência;

Rua João Vilar da Cunha, 2542

Lagoa Nova 59078-590

Natal -RN